



O AZEITE GALEGO E O BLOQUEIO

O nosso país sempre foi umha área de transição entre o mundo atlântico e o mediterrâneo. Assim, não admira que a oliveira e o azeite estivessem presentes na Galiza desde a época dos romanos. Porém, poderes alheios -nomeadamente espanhóis- impugneram um bloqueio económico que quase extinguiu a nossa azeitona. No entanto, atualmente estão a se fazer esforços pela sua recuperação, produzindo-se um azeite de qualidade.

CRIAÇÃO

Eduardo Estévez nasceu em Buenos Aires, residiu em Caracas e deslocou-se para a Galiza depois de descobrir a nossa língua numa viagem. Desde aquela, participou numa cheia de encontros literários, concursos e festivais, e dessa perspectiva é que nos chega algumas reflexões sobre o futuro da poesia.

CINEMA

Iván García Ambrúñeiras aborda dous documentários que, longe do tradicional relato da vítima, mergulham de cheio na perspectiva do verdugo. Como protagonistas, um mercenário português que esteve a serviço dos GAL e umha série de torturadores responsáveis pola morte de comunistas na Indonésia da década de sessenta.

A GALIZA NATURAL

Aquela perigosa maré vermelha de outubro

João Aveledo

“Desde São Bartolomeu (24 agosto) a São Simão (28 outubro) não comas o mexilhão”

Bom! Ninguém pense que vamos falar na revolução bolchevique do ano 17, mas na chamada “crise do mexilhão” de outubro de 76, quando em diversos países europeus começaram a aparecer pessoas doentes, após a ingestão de moluscos procedentes das rias galegas. Contabilizou-se um total de 308 intoxicados e muitos destes pacientes até precisaram de hospitalização urgente. Os mercados internacionais fecharam-se às nossas exportações de marisco e corria perigo um setor chave na economia do país. Lembremos que a Galiza é o segundo produtor mundial de mexilhão, após a China.

A causa desta desgraça foi um facto natural que acontece com regularidade nas costas galegas como consequência de uma aglomeração de microrganismos planctónicos na superfície do mar, mormente dinoflagelados, chamado polos marinheiros “purga do mar”.

No litoral galego-português é frequente no verão que os ventos do norte arrastem a camada superficial da água, que é substituída por água profunda, fria e rica em nutrientes. Este fenómeno de fertilização, único na Europa, denomina-se afloramento costeiro e é responsável pola alta produtividade biológica das nossas rias. Cessado o afloramento, a matéria orgânica formada remineraliza-se, multiplicando-se o fitoplâncton e aparecendo a “purga do mar” ou maré vermelha. Esta vai desaparecer com as primeiras chuvas intensas e a renovação subsequente das águas. Portanto, as marés vermelhas não devem ser entendidas como acontecimentos isolados, mas como fases avançadas em processos de sucessão planctónica.

Os dinoflagelados constituem um dos grupos mais abundantes no fitoplâncton e, em condições ambientais favoráveis, podem-se reproduzir em enormes quantidades, chegando muitas vezes, devido aos pigmentos que possuem, a mudar a cor da água, que se torna amarela, castanha, alaranjada ou vermelha, daí o nome de marés vermelhas.

Estes protistas (“microalgas” para os botânicos da velha escola)

produzem diversas toxinas que se podem acumular no corpo de moluscos bivalves que, como os mexilhões (*Mytilus galloprovincialis*), se alimentam por filtração. O curioso é que as toxinas não provocam dano a estes animais, mas sim aos seus predadores, como p.ex. a nós os humanos. O que pode ser interpretado como uma curiosa estratégia evolutiva em que um ser vivo utiliza o veneno de outro em defesa própria.

A intoxicação mais frequente é a produzida pola toxina diarreica ou lipofílica, antes chamada DSP (acrónimo do inglês Diarrhetic Shellfish Poisoning). Entre as espécies responsáveis estão dinoflagelados do género *Dinophysis* (*D. acuminata*, *D. fortii*, *D. norvegica* e *D. acuta*). Em agosto de 81 uma maré vermelha na Ria de Arouça originou um surto massivo que atingiu quase 5.000 pessoas. A DSP, em geral, não costuma ter gravidade, causando principalmente uma desordem gastrointestinal com náuseas, vômitos, diarreia e dor abdominal, acompanhada de calafrios, dor de cabeça e febre.

Mais sério é o quadro clínico que produz a toxina neurotóxica, NSP

ou PSP (Neurotoxic ou Paralytic Shellfish Poisoning), com sintomas gastrointestinais e neurológicos, incluindo-se formigamento e paralisção dos lábios, língua e garganta, dores musculares, vertigem, reversão da sensação de calor e frio, diarreia e vômitos. A morte, ainda assim, é rara e a recuperação ocorre em 2 a 3 dias. É originada por dinoflagelados como *Alexandrium minutum* ou *Gymnodinium catenatum*. A “crise do mexilhão” de 76 deveu-se a esta biotoxina e ainda se produziram outros surtos menos importantes em 1993 e 2000.

A toxina amnésica ou ASP (Amnesic Shellfish Poisoning), muito menos frequente, caracteriza-se por um processo gastrointestinal similar aos anteriores e por afetação neurológica com confusão, perda de memória, desorientação, apreensão e coma. A recuperação na ASP é lenta, os danos neurológicos podem ser permanentes e, mesmo, é possível um desenlace fatal. Na Galiza descreveu-se pola primeira vez em 1995 e a única espécie implicada até agora é *Pseudo-nitzschia australis*, uma diatomea (um outro tipo de “microalga”). Assinalemos como curiosidade que o filme “Birds” de Alfred

Hitchcock inspirou-se, em parte, num caso acontecido em 18 de agosto de 61 no Condado de Santa Cruz (Califórnia, USA), quando diversas pessoas foram atacadas por milhares de aves marinhas frenéticas, vítimas, dizem, de uma intoxicação por ASP, após consumirem anchovas contaminadas (acontece que as biotoxinas das marés vermelhas também se podem acumular nos peixes).

Naquele outubro vermelho de 76 houve responsabilidades diversas, como as do Instituto Oceanográfico estatal, que não alertou a tempo das mudanças que se estavam a produzir no fitoplâncton (desde 92, este labor de controle periódico do nosso meio marinho é responsabilidade do Instituto Tecnológico do Mar de Vila João) ou as de alguma empresa que não respeitou a proibição de comercializar mexilhão, à procura de lucro a curto prazo. Felizmente, não morreu ninguém, porque, há que dizer, que a saxitoxina, o principal componente da NSP é considerada arma química pelas Nações Unidas (o “agente TZ” dos códigos militares). Até a CIA a experimentou na década de 50... e os ianques de guerra química sabem muito.



O AZEITE GALEGO E O BLOQUEIO ECONÓMICO

Carlos C. Varela e Rubén Melide

Deveu ser Valentim Paz-Andrade, em começos da década de 30, o primeiro em usar o conceito de 'bloqueio económico' para denunciar a falta de soberania da Galiza. Hoje, ao falarmos de 'bloqueio', a imaginação vai-se-nos para Cuba e, porém, o conceito é certamente válido para analisarmos a economia galega num processo de longa duração. Desde o veto ao comércio transatlântico imposto aos nossos portos em favor dos de Sevilha e Cádiz, até a integração espanhola no mercado comum europeu, onde os setores produtivos galegos fôrom a moeda de câmbio para blindar os interesses dos latifundistas do sul de Espanha. Setor leiteiro, indústria pesqueira e construção naval fôrom (e som) bloqueados destruindo os piares básicos da economia do país. No entanto, e em troca, Espanha tinha via livre para inundar Europa de azeite, num selvagem processo de exten-

Desde o veto ao comércio transatlântico galego até a integração no mercado comum europeu, os setores produtivos fôrom bloqueados destruindo a economia do país

som de um deserto verde de oliveiras com forte impacto ecológico. Aqui vamos falar do fecho deste círculo, umha viagem ao paradoxo.

De novo os Reis Católicos

Relegados a moeda de câmbio, durante a II República espanhola, Alonso Rios, o que fora presidente da Junta Revolucionária da República Galega, pelejou duramente no Parlamento espanhol polos interesses galegos. Espanha queria assinar com o Uruguai um tratado comercial para importar carne de vacum congelada, esbarrancando o setor da criação de gado na Galiza, ao mesmo tempo que lhe vetava o crescimento ao obrigar o agro galego a mercar o grao protegido castelhanu, em vez do muito mais barato americano. Já após a queda do re-



gime franquista, um PSOE que negocia a entrada na CEE desde o seu feudo meridional sacrifica os setores galegos a prol dos espanhóis.

O paradoxo a que nos referimos nom é outro que o de que cinco séculos antes a Galiza também era produtora de azeite, e deixou-no de ser por questons políticas: os Reis Católicos emitam um vergonhento decreto que obrigava ao abate das oliveiras galegas, conservando apenas as de Quiroga e Monte Rei. Em simultâneo, e do mesmo jeito, colonizavam a América, criando dependência a golpe de criar escassez artificial, com os famosos abates da árvore do pam e a queima de cultivos.

Um cultivo galego

Desde entom, relegada da memória, quase ninguém associa hoje a oliveira à Galiza. Quiçá algumas pessoas como curiosidade etnográfica – sem dúvida explicada pola proximidade à Espanha antes do que por motivos internos –, mas sempre descontextualizada do longo processo político. Para

A oliveira chegou à Galiza com a ocupação romana, sendo um cultivo predominante, mesmo por cima da vide. Após o bloqueio, Vigo continuou a ser o principal porto azeiteiro europeu

quem se quiger achegar à etnografia do azeite no nosso país, é interessante a leitura do livro *O aceite en Galicia*, de Estanislao Fernández de la Cigoña e Xoán Martínez Tamuxe.

Sul do mundo atlântico europeu – céltico se se quiger – a Galiza jogou desde há séculos o papel de ponte natural entre o mundo atlântico e o mediterrânico, o que se observa em muitas manifestações culturais aparentemente inexplicáveis. A oliveira chegou à Galiza com a ocupação romana, sendo um cultivo predominante, mesmo por cima da vide. Assim, temos exemplos de lagaretas aparecidas no baixo-minhoto castro

do Trega. Parece ser que o clima e o solo resultárom ótimos para o cultivo romano, e ainda após o já referido bloqueio dos Reis Católicos, Vigo – nom por acaso 'cidade olívica' – continuou durante um tempo a ser o principal porto de entrada e saída de azeite da Europa e América. O arraigo da árvore certifica-se nas numerosas pontes antigas feitas de troncos de oliveira ao longo do nosso território.

Em 1984, quando Begoña Bas publica o seu trabalho *Os muiños de aceite en Galicia*, estudio preliminar, fai umha relação de 24 moinhos, espalhados polos sul-orientais concelhos de Quiroga, Ribas de Sil, Larouco, Póvoa de Trives e O Bolo, assegurando que na altura só trabalham quatro deles, estando o resto abandonados à sua sorte. Assim, a atividade azeiteira na Galiza aparece concentrada num núcleo compacto arredor do Sil. Porém, som conhecidas outras zonas que mantivérom a tradição nos arredores de Ourense, assim como na Baixa Límia, Verim, ou mesmo em terras a norte do Ulha, como é o caso do concelho administrativamente corunhês de Vedra.

O moinho

No tocante aos moinhos que estivérom a trabalhar ao longo do século XX, nada é sabido a respeito da sua antiguidade. No entanto, pensa-se que estivérom operativos vários séculos. Na atualidade, o moinho propriamente dito gira movido por um animal de traçom, frequentemente um burro, mas sabemos que com anterioridade a força motriz foi de natureza humana. A modalidade de moinho de azeite mais recente para a Galiza consta dumha moa de pedra cilíndrica atravessada por um gonzo de madeira, que por sua vez forma um caixom de forma triangular em que som vertidas as azeitonas, chamado moxega. Da moxega parte umha corda da que turra o burro. A moa move-se verticalmente sobre umha outra pedra deitada, triturando os frutos, que vam ficando inteiramente desfeitos na volandeira, espécie de depósito de pedra onde som recolhidos. Sobre a cama ou alforge, completamente circular, som depositados os capachos sobre os que se colocam as azeitonas moídas, sendo-lhes acrescentada água quente. O primeiro – e escasso – azeite que resulta é o chamado de virgem, obtendo-se nos prensados posteriores um óleo de menor qualidade.

'A Brava', a variedade autóctone

A variedade galega, de grande qualidade e surpresa das catas internacionais, é umha das mais antigas de toda a Península Ibérica, e chama-se Brava. Maria Estévez, diretora de umha empresa galega do setor, explicava noutro meio que "a melhor forma de crescer a oliveira galega é entre outras árvores e isso confere-lhe muitos matizes. Enriquece-se com a vide, com o Carvalho... Tem-nos topado mesmo com oliveiras que tenhem umha parte de carvalho, por esse clássico dos enxertos galegos".

A sua empresa produz uns 15.000 litros de azeite galego de alta gama por ano, e continua a crescer, ampliando cultivos em Ginzó de Límia. Tenhem produtos em setenta lugares ao longo de Galiza, localizados através da toponímia e a gente que manteve até hoje o cultivo para autoconsumo, guardado como ouro em pano.



A FOTO

L.D.R.

"Estávamos completamente sozinhas, as vacas, nós.

As vacas não se moveram. nem sequer viraram a cabeça para nos olhar com os seus imensos olhos abissais.

Não lhes interessávamos. estavam acostumadas a viver em solidão, no limite com a nada"



CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número fornecemos um texto literário para go-

zarmos das nossas letras, num projeto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Eduardo Estévez nasceu no bairro de Palermo, em Buenos Aires, e mudou-se para Caracas depois de publicar o seu primeiro livro de poemas. Foi numa viagem à Galiza que descobriu a nossa língua e começou a relacionar-se com poetas galegos, até que aterrou definitivamente aqui e desde aqui escreve.

Reflexons pessoais após um encontro de poetas

por Eduardo Estévez

Organizar sem quartos encontros de poetas tem mérito. Mas, se cumpre mudar o sistema, nom é bem que os poetas continuem a ser os únicos atores dos ciclos de produção da cultura que nunca cobram.

O compromisso com o desenvolvimento da cultura nom pode ser desinteressado só para uns.

As instituições prescindírom da sua responsabilidade com a cultura. Esse papel tem que ser assumido por outros. Mas os que, quando havia quartos, sempre estavam ali, que papel tenhem agora?

A escrita é um ato individual. O papel dos coletivos está na difusom e no impulso.

Temos um sistema literário sem leitores. Se nom ganharmos leitores, os dias da poesia galega están contados. Escrever só para si nom é literatura: é terapia.

A poesia precisa de emoçom pero reduzi-la a isso é umha trampa. A poesia sem cabeça nom serve. Além disso, o mundo de hoje precisa dumha poesia que revolva estruturas de pensamento e mostre a possibilidade doutros pontos de vista.

E precisamos do ensino: podemos ir um dia a um centro e interessar leitores novos mas o papel dos docentes é fundamental. Mentres os docentes continuem a dizer que nom leem poesia sen morrer com a vergonha, estamos perdidos.

Nenos e moços precisam de clássicos para se formar, porém, para torná-los leitores, precisam de conhecer poesia atual, que fale o seu idioma.

A poesia requer honestidade e compromisso mas a iluminaçom nom existe, nom existem as musas porque nom há deus. Portanto, o poeta fai-se com trabalho, técnica e esforço constante.

Internet eliminou o requisito indispensável do editor para levar fora a nossa poesia. Nesta "democratizaçom" há aspetos preocupantes. O autor é narcisista: tudo o que fai parece-lhe maravilhoso. O sistema literário tem que fazer o papel de peneira. A desapareçom dos filtros requer dos autores um nível muito maior de autocrítica.

Nos sistemas normais, os leitores ajudam a separar o grao da palha: umha página (um perfil do Facebook, umha revista digital, um tuit) sem apoios, esvai-se na rede. Mas num sistema como o nosso "Gosto" dos parentes e amigos pesa demasiado e tergiversa o resultado final.

Os coletivos podem ajudar a cumprir esse papel se assumem um rol ativo e construtivo e os autores aprendemos que a crítica ajuda a medrar. Se o coletivo converter o onanismo do espelho em onanismo grupal também nom serve.

A minha conclusom é que há futuro, mas só se nos andamos com tento.

Nota: onde di "editores" nom di "todos os editores", onde di "livreiros" nom di "todos os livreiros", onde di "docentes" nom di "todos os docentes". Cada quem sabe onde se situar.

* *umha versom mais extensa deste artigo será publicada no blog do autor: eduardoestevez.blogaliza.org*



LÍNGUA NACIONAL

Diglossia és tu

Valentim R. Fagim

Que é diglossia, perguntas? Diglossia (do grego διγλωσσία, transl. *diglossía*, onde *di-* significa "duas vezes" e *glossa*, ou em ático *glotta*, significa "língua")...

(Um casal galego num restaurante a falar entre eles) – Olha, precisamos de uma *faca* para cortar a carne da miúda. - Vem aí o empregado. Fala com ele.

...é um termo cunhado pelo linguista grego *Ioannis Psycharis*, primeiramente em francês (*diglossie*), para designar a situação linguística em que, numa sociedade...

(um dos membros do casal ao empregado) – Desculpa, podias trazer um *cuitelo* para cortar a carne.

... duas línguas ou registos linguísticos funcionalmente diferenciados coexistem, sendo que o uso de um ou de outro depende da situação comunicativa.

(o empregado entra na cozinha) – Ei, passa-me um *cuchillo* para a mesa 5.



CINEMA

A olhada do verdugo

Iván García Ambrunheiras

Nos últimos meses, chegaram às habitualmente vazias agendas do Estado Espanhol (mas nom, para variar, às galegas) dous filmes de grande profundidade, que entram em cheio na discussão sobre a ética da representação e da distância necessária para filmar o mundo. Dous documentários que escapam da habitual "tradição da vítima" em que se instala umha boa parte do documentário social para se mergulhar, com todas as suas consequências, na olhada dos verdugos. Assim, *Terra de ninguém* (Salomé Lamas, 2012) consiste numha longa entrevista a Paulo de Figueiredo, ex-soldado de elite português e mercenário ao serviço de organizações como os GAL, e *The act of killing* (Joshua Oppenheimer, Christine Cynn, Anónimo, 2012), que dá voz a um grupo de torturadores responsáveis por milhares de mortes de "comunistas" entre os anos 1965 e 1966 na Indonésia.

Em ambos os filmes, um dos problemas evidentes é o da dis-



tância a tomar com estes personagens. A opção da portuguesa Salomé Lamas é a de deixar falar o seu protagonista, apagando as suas próprias intervenções na conversa por meio dumha escrita fragmentada que trocisca o relato em múltiplos capítulos, e

aparecendo unicamente para precisar determinados factos históricos. O espetador fica apanhado nesse face a face, na forma em que o protagonista conta a sua história dando círculos sobre a sua responsabilidade e a dos governos supostamente democra-

tas, articulando umha fascinante viagem polas cloacas dos estados que ainda está na sua maior parte por desenterrar. No final, a cineasta muda o cenário e achegamo-nos às choupanas onde vive o personagem, numha solução discutível mas que marca umha decisão evidente de querer acompanhar esse homem que nos deixou entrar na sua experiência clandestina.

Se o protagonista de *Terra de ninguém* se marginou dumha sociedade pola qual se julga atraído, os personagens principais de *The act of killing* vivem a sua história de torturas com umha impunidade absoluta, até o ponto de serem umha casta de heróis nacionais que se podem vangloriar de todos os seus crimes. Os cineastas vam muito mais longe do que no exemplo precedente, já que, para além de dar voz, se dedicam a reconstruir as torturas segundo as indicações dos verdugos, convertendo o filme numha espécie de making off dum estranho sucedâneo de filme hollywoodesco em que se combinam o musical, o filme de gangsters e a fantasia bélica. Deste jeito, *The*

act of killing nom apenas reconstrui (como a célebre *S-21*, la machine de mort *Khemère rouge*) os gestos da tortura nos mesmos lugares em que esta ocorre, mas fai umha viagem ao imaginário dos carrascos. Filme de múltiplas camadas, portanto, em que do kitsch se passa para o testemunho do horror sem solução de continuidade, e em que a reconstrução serve como forma de reimaginar, mas também de reviver os acontecimentos do passado, como nos momentos mais lancinantes do filme, em que umha nena reage à ficção com o terror no rosto ou o próprio verdugo pode virar vítima. A ficção como forma de forçar o real, da qual os atores, da mesma forma que os espetadores (que som transportados num carrossel emocional poucas vezes visto), nom podem sair indemnes.

Dous filmes, em definitivo, em que a decisão fundamental (e terrível, por tudo o que implica ao nível pessoal e emocional para cineasta e espetador) de nom antepor o julgamento ao processo do filme, nos permite olhar de frente o horror do trágico século XX.